

## **Os desafios do sindicato na atualidade**

**Ana Paula de Castro Sousa  
Elizabeth Gottschalg Raimann**

No processo de reestruturação produtiva as relações trabalhistas são diretamente afetadas devido a fase da internacionalização do capital, exigindo a abertura das economias e do comércio internacional. Tal realidade desencadeia um processo de proletarização do trabalho industrial e fabril configurado no gradativo decréscimo dos postos de trabalho e pelo avanço de tecnologias poupadoras de mão-de-obra. Na contra mão, ocorre a ampliação do emprego e assalariamento nos setores de prestação de serviços e a expansão de novas formas de contratação de mão-de-obra que incluiu a terceirização, contratos precários, temporários e informalizados.

O conjunto destas mudanças impacta na estruturação, vida e ação dos sindicatos. Várias crises são desencadeadas dentro do sindicalismo devido as propostas de colaboração entre capital e trabalho, dificultando as mobilizações de trabalhadores. Esta realidade leva ao encolhimento da atividade sindical, ao processo gradual de dessindicalização; a transformação dos sindicatos, de combatentes, em negociadores para a solução de problemas imediatos; ainda o aumento da burocratização, entendida como o distanciamento do sindicato com a base e a institucionalização das entidades sindicais.

Diante dessa problemática, este trabalho de cunho bibliográfico, sustentado nas discussões de Antunes (1999, 2009, 2011), objetiva apresentar alguns desafios ao movimento sindical frente à “classe-que-vive-do-trabalho”, expressão cunhada por Antunes que procura trazer para a atualidade quem, além do proletariado, faz parte da categoria classe trabalhadora. Afirma “[...] há uma crescente imbricação entre o trabalho produtivo e improdutivo no capitalismo contemporâneo e como a classe trabalhadora incorpora essas duas dimensões básicas do trabalho sob o capitalismo, essa noção ampliada nos parece fundamental para a compreensão do que é a classe trabalhadora hoje. (ANTUNES, 2009, p.103).

No capitalismo contemporâneo, observa-se no mundo do trabalho uma múltipla processualidade, mudanças complexas como a diminuição do número de profissionais nos setores industrial e fabril e a substituição desses trabalhadores pela tecnologia ou a subcontratação mediante a terceirização. Paralelamente, a expansão do número dos trabalhadores assalariados a partir da ampliação do assalariamento no setor de serviços, constatando-se uma heterogeneização do trabalho através da crescente incorporação do contingente feminino no mundo operário. Mudanças que, em escala global, repercutem em países industrializados e em desenvolvimento como o Brasil.

O sindicato é uma organização de trabalhadores enquanto classe. A doutrina que prega uma

ação coletiva dos trabalhadores em defesa de seus interesses tem dificuldades em incorporar os trabalhadores de tempo parcial ou temporário, as mulheres, os terceirizados e os informais. Para Antunes, “a fragmentação, heterogeneização e complexificação da classe-que-vive-do-trabalho questiona na raiz o sindicalismo tradicional e dificulta também a organização sindical de outros segmentos que compreendem a classe trabalhadora” (1999, p.62).

O movimento sindical brasileiro que veio para defender os interesses da classe trabalhadora, com o passar do tempo, tende aos marcos da social-democracia. O “novo sindicalismo” que primava pelo desatrelamento com o Estado começa a desmoronar, aderindo ao processo de “neoliberalização da própria social-democracia sindical”. Diante destas alterações, o sindicato se transformou de combativo em negociador, levando ao seu enfraquecimento. Este processo transformou a CUT (Central Única dos Trabalhadores), que na origem se propunha a ser independente e classista, num sindicato mais burocratizado, institucionalizado e negocial.

Para Antunes, a década de 1990, permitiu extrair parte das explicações para o transformismo do sindicato em um viés reformista e não revolucionário. Ou seja, o avanço do neoliberalismo na América Latina levou ao fim do socialismo real, pois este atrelado à idéia de vitória do capitalismo, fez com que uma parte significativa da esquerda abraçasse a social-democracia, escondendo com isso sua face verdadeiramente neoliberal.

Como efeito desse transformismo, o governo dividiu a classe trabalhadora em dois ramos: privados e públicos. Essa prática do governo, de carácter neoliberal, submeteu a classe trabalhadora não mais a luta de classe, mas a intraclasse.

Com o Partido dos Trabalhadores no poder, tem-se um partido revolucionário transformado em um partido reformista que sonha em humanizar o capitalismo sem qualquer transformação na ordem sócio-econômica vigente. O descontentamento se amplia naqueles movimentos que não se deixaram cooptar pela política assistencial do governo, entre eles o MST (Movimento Sem Terra) no confronto ao ocupar terras, atacando a prática da agricultura transgênica.

Em 2006, o sindicalismo se dividiu. O setor mais a esquerda e anticapitalista se opôs a tendência de cooptação de movimento sindical pelo governo e criou pólos de resistência representados na Coordenação Nacional de Lutas (Conlutas) e na Intersindical. As duas entidades “procuram oferecer respostas à conversão da CUT em uma central institucionalizada, verticalizada e dependente do Estado” (ANTUNES, 2011, p. 149). Outros grupos vindos da CUT ou da Força Sindical vêm surgindo sem grandes novidades, pois caracterizam-se como dependentes do Estado.

Estas alterações apresentam um desafio à reestruturação do sindicalismo no Brasil. A individualização das relações de trabalho e a ação das empresas direcionam a um enfraquecimento da luta dos trabalhadores impedindo que os mesmos percebam as contradições entre o capital e o trabalho.

Torna-se necessário aos movimentos sindicais empreender uma luta pela independência, autonomia e liberdade em relação ao Estado. O desafio hoje é a criação de um movimento político, sindical e social que contemple as bases do sindicalismo e seja realmente anticapitalista e, que consiga combater a histórica estrutura sócio-econômica-política construída pela dominação burguesa no Brasil.

#### Referências

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 6 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_. **Os sentidos do trabalho:** ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2 ed., 10 reimpr. rev.ampl. São Paulo: Boitempo, 2009.

\_\_\_\_\_. **O continente do labor.** São Paulo: Boitempo, 2011.